

Do behaviorismo radical ao ecletismo teórico: A recepção da Terapia Comportamental em Belo Horizonte (Brasil)

*(From radical behaviorism to theoretical eclecticism:
The reception of behavioral therapy in Belo Horizonte [Brazil])*

**Roberta Garcia Alves, Alesi dos Santos Costa,
Roberta Francielli de Siqueira Rohden y Rodrigo Lopes Miranda¹**

Universidade Católica Dom Bosco
(Brasil)

RESUMO

O objetivo desta investigação foi descrever e analisar aspectos da história da Terapia Comportamental, a partir dos excertos de sua recepção, no Brasil entre as décadas de 1960 e 1980. Particularmente, foca-se na sua recepção em Belo Horizonte, a partir da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). As fontes utilizadas foram textuais—traduções, em português brasileiro, de livros de A. A. Lazarus e J. Wolpe—e orais—comunicações pessoais de atores vinculados à tradução das obras em questão e ao desenvolvimento de práticas psicoterápicas comportamentais no país à época. Os resultados sugerem a coexistência de duas formas de recepção por partes dos brasileiros: (1) Uma com pouca preocupação em se afiliar a um tipo específico de terapia comportamental e, (2) outra, compromissada com a terapia analítico-comportamental e com a aplicabilidade de suas postulações na esfera clínica. Assim, ao final, nota-se um cenário idiossincrático da apropriação de tal conceito no país, o que pode ajudar na compreensão de certas questões históricas da conformação das terapias comportamentais.

Palavras-chave: psicologia clínica; história da psicologia; terapias comportamentais; terapia analítico-comportamental; A. A. Lazarus; J. Wolpe.

ABSTRACT

This research describes and analyzes aspects of the history of the Behavior Therapy from excerpts of its indigenization in Brazil between the 1960s and 1980s. Its particular focus is on its reception in Belo Horizonte, from the *Universidade Federal de Minas Gerais* (UFMG). The proposal of this study conforms to contemporary directions on the History of Science, in general and, on the History of Psychology, particularly. It means, to analyze how scientific objects and theories travelled around the world and how what was received has been appro-

¹ Endereço: Rodrigo Lopes Miranda. Universidade Católica Dom Bosco. Av. Tamandaré, 6000, Jd. Seminário - Campo Grande, Mato Grosso do Sul. CEP: 79117-900. Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia. rlmiranda@ucdb.br

priated. Two sorts of primary sources were used, textual—translations of A.A. Lazarus and J. Wolpe’s books into Brazilian Portuguese—and oral ones—personal communications from characters connected to the translation of such oeuvres and the development of behavioral therapy in the country at the time. The results suggest the coexistence of two kinds of indigenization: (1) On the one hand, a little concern to affiliation with any specific behavioral therapy, and (2) on the other, a commitment to the analytical-behavior therapy and its application in the clinical settings. These results help out to understand better the idiosyncratic way in which Behavior Therapy was appropriated in Brazil which would improve the debates on the waves therapies, in the country. They also may impact on the contemporary efforts of Brazilian behavior analysts to define properly the Behavior Analysis Therapy models based on Radical Behaviorism. In conclusion, one notes that there is an idiosyncratic scenario of the indigenization of such a concept in the country, which may help in the understanding of certain historical issues of the conformation of the field.

Keyword: clinical psychology; history of psychology; behavior therapies; behavior analysis therapy; A. A. Lazarus; J. Wolpe.

Dados historiográficos que compõem a história da Análise do Comportamento, no Brasil, narram como importante marco a vinda de Fred S. Keller, amigo e colaborador de B. F. Skinner, ao país, desde seu doutoramento na Harvard University (Hübner & Starling, 2019; Matos, 1998; Todorov & Hanna, 2010). Ao ocupar a cadeira de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo (USP), entre 1961 e 1962, e chefiar a abertura de laboratórios na instituição, Keller foi personagem vital para o início da institucionalização brasileira da Análise do Comportamento (Guedes et al., 2006). Isso porque sua vinda deu início a processos de circulação do campo em diferentes localidades do país, na medida em que o que fora produzido em São Paulo, passou a influenciar outras instituições entre as décadas de 1960 e 1970 (Cândido, 2017; Cirino, Miranda, & Cruz, 2012; Cirino, Miranda, & Souza Júnior, 2012).

Outro produto da visita de Keller foi a formação da primeira geração de brasileiros vinculados a teorias psicológicas comportamentalistas, figurando analistas do comportamento como, por exemplo, Carolina M. Bori, Maria Amélia Matos e Rodolpho Azzi. Esses profissionais foram responsáveis pela manutenção do interesse no comportamento como objeto de estudo da Psicologia e, também, pela circulação daquelas teorias pelo país, destacando-se, entre outras, as cidades de Belo Horizonte, Brasília, Rio Claro e Rio de Janeiro. Para alguns autores, esse processo ficou conhecido como “diáspora da Análise do Comportamento” (Guedes et al., 2008).

A disseminação da Análise do Comportamento foi preponderante para o aparecimento, em meados de 1970, das primeiras associações e sociedades do campo. Organizações como a Associação de Modificação do Comportamento (AMC) e a Associação Brasileira de Análise do Comportamento (ABAC) concentraram seus esforços no sentido de impulsionar produções comportamentalistas nos âmbitos da pesquisa, da aplicação e do ensino. Uma das consequências desses esforços foi a editoração de periódicos responsáveis por veicular aquilo que vinha sendo produzido, bem como discutir novas diretrizes para o desenvolvimento do estudo e formação em Análise do Comportamento no país. Análises sociobibliométricas desses periódicos dão indícios de que havia interesse na Modificação do Comportamento, sua pesquisa e aplicação (Cardoso, Souza, Varella, & Miranda, 2016; Torres, 2018). Parte desses interesses envolvia aplicações psicoterápicas comportamentais e, eventualmente, analítico-

-comportamentais². Ou seja, já se desenvolviam no Brasil Terapias Comportamentais desde este período.

Entretanto, o termo Terapia Comportamental já era desenvolvido desde o início da década de 1950 nos Estados Unidos da América (EUA) e na Inglaterra, embora sua formulação esteja vinculada a diferentes autores (e.g., Bandura, 1961; Ferster, 1972; Lazarus, 1971; Lindsley, Solomon & Skinner, 1953; Wolpe, 1958). Nesse cenário, tem-se adotado frequentemente a narrativa histórica da ocorrência das chamadas “ondas” para descrever os movimentos de psicoterapias comportamentais tanto no exterior—particularmente nos EUA—quanto no Brasil (Hayes, 2004). Essa narrativa descreve a ocorrência de intervenções comportamentais clínicas conectadas, em princípio, com o paradigma respondente. Ao longo do tempo, algumas dessas propostas se alteraram a partir de reformulações do operante, bem como novos modelos de intervenção foram criados em conjunto com as noções de comportamento verbal e relação terapêutica.

Ao adotar a mesma narrativa de “ondas” para o caso brasileiro, arrisca-se perder de vista os desdobramentos, os movimentos e os atores conectados à história das Terapias Comportamentais no país (Leonardi, 2015; Vandenberghe, 2011). Isso poderia acarretar a redução de estudos historiográficos que analisem a apropriação brasileira de propostas clínicas comportamentalistas de autores como H. J. Eysenck, C. B. Ferster, J. Wolpe e A. A. Lazarus. Poderia se extinguir, portanto, a possibilidade de compreensão das especificidades da área no país. Nessa direção, o objetivo desta investigação foi descrever e analisar aspectos da história da Terapia Comportamental a partir dos excertos de sua recepção no Brasil entre as décadas de 1960 e 1980. Articulando-se com possibilidades recentes de compreender a história das Terapias Comportamentais no país (e.g., Bellodi, 2011; Cassas & Luna, 2018), tais excertos focalizaram sua recepção em Belo Horizonte a partir da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Por esta via, pretende-se compreender a partir da pesquisa historiográfica como conhecimentos e práticas vinculados à Terapia Comportamental circularam do seu local de invenção—EUA—e foram recepcionados no Brasil.

Para tanto, o manuscrito está organizado em três seções: (1) Uma explanação metodológica, elencando a importância das fontes primárias para a pesquisa historiográfica e os critérios utilizados para a seleção feita para a presente pesquisa, (2) uma apresentação das condições gerais de produção de Terapias Comportamentais no exterior, com foco mais específico nos EUA, e nas figuras de Arnold Lazarus e Joseph Wolpe e (3) uma descrição de práticas iniciais realizadas no Brasil, relacionadas à Terapia Comportamental, com foco particular nos processos de recepção ocorrido em Belo Horizonte. Por fim, estima-se apresentar

2 Esta afirmação pode causar estranheza ao leitor, já que, usualmente, usa-se Psicologia Clínica como sinônimo de Psicoterapia. Todavia, podemos observar autores das décadas de 1960 e 1970 que mostram que a segunda está contida na primeira. Ou seja, a Psicoterapia seria um tipo de fazer da Psicologia Clínica circunscrito ao setting terapêutico. Nesta direção, “Clinical psychology is defined here as a branch of psychology devoted to the search for, and the application of, psychological principles and techniques that contribute to the understanding of individuals and that may be used to promote their more effective functioning” (Reisman, 1966, p.1-2). Assim, a Modificação do Comportamento seria uma forma comportamentalista de fazer Psicologia Clínica e, se inserida em contexto psicoterapêutico, poderia ser ali denominada, Psicoterapia. Esta afirmação, inclusive, vai ao encontro da definição da Kazdin (1978) “Behavior modification can be defined as the application of basic research and theory from experimental psychology to influence behavior for purpose of resolving personal and social problems and enhancing human functioning” (p.ix).

o cenário específico da apropriação brasileira da Terapia Comportamental que nos ajudariam a compreender questões históricas da conformação do campo.

ASPECTOS METODOLÓGICOS: SELEÇÃO DAS FONTES DE PESQUISA

A historiografia é a escrita da história a partir do exame crítico das evidências do passado que pressupõe um conjunto de discussões e escolhas de como fazer a coleta e a análise de dados, quais critérios adotar em tal escolha, qual orientação teórica utilizar, dentre outros. Nesta direção, os dados básicos de uma pesquisa historiográfica são provenientes das fontes de pesquisas, particularmente de fontes primárias (Cruz, 2006; Morris et al., 1990). Essas fontes são: “todo material que tenha sido registrado e feito parte da história da disciplina e que possa auxiliar numa investigação específica” (Cruz, 2006, p. 169).

Considerando os objetivos estabelecidos, esta pesquisa assumiu dois tipos de fontes primárias: (1) fontes textuais e (2) fontes orais. As primeiras foram divididas em textos de autores vinculados ao desenvolvimento de Terapias Comportamentais, tais como Bandura, Eysenck, Lazarus e Wolpe. Ainda nesta rubrica, foram utilizadas cartas e boletins informativos de associações vinculadas à Análise do Comportamento que ajudassem a responder às questões de pesquisa. A segunda modalidade constitui excertos de entrevistas com personagens que estiveram envolvidos, particularmente na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com a apropriação de Terapias Comportamentais.

Foram adotados como critério de seleção das fontes aquelas que (a) foram produzidas por Lazarus e Wolpe, (b) que salientavam suas figuras ou (c) foram produzidas pelas pessoas que se apropriaram dos dois autores, no Brasil, para refletir sobre Terapias Comportamentais. A eleição de ambos personagens como fontes de pesquisa se deveu a três fatores, a saber: (1) os dois serem considerados precursores de Terapias Comportamentais (O’Donahue et al., 2001); (2) ambos serem indicados como autores influentes da recepção inicial de Terapias Comportamentais, no Brasil (Leonardi, 2015; Vandenberghe, 2011; Rangé & Guilhardi, 1995) e (3) eles terem aparecido como vetores específicos da apropriação das Terapias Comportamentais realizadas em Belo Horizonte. Assim, embora cientes que os dois autores tenham propostas diferentes para a Terapia Comportamental, as fontes primárias sugerem que eles foram apropriados concomitantemente. Portanto, analisar a recepção e circulação dos dois autores dão indícios do processo de constituição da Terapia Comportamento como campo de reflexão e atuação, no Brasil.

Após a etapa de seleção, as fontes textuais primárias foram analisadas em seu conteúdo a partir do Procedimento de Interpretação Contextual de Texto (PICT) desenvolvido por Laurenti e Lopes (2016). Por ser voltado à pesquisa conceitual, o PICT visa identificar, extrair e analisar conceitos e redes conceituais, bem como compromissos e afinidades filosóficas de determinada fonte textual. O PICT se desdobra em quatro etapas: (1) levantamento dos principais conceitos usados nas fontes textuais primárias utilizadas; (2) caracterização das teses contidas em cada uma dessas fontes; (3) elaboração de esquemas gerais envolvendo as redes conceituais e de teses levantadas nas etapas anteriores e, por fim (4) redação de uma síntese textual interpretativa das relações conceituais construídas nas etapas anteriores. Passaram pelas etapas do PICT as traduções para o português dos seguintes livros: (1) “The practice of Behavior Therapy” de Wolpe (1969) e (2) “Behavior Therapy and beyond” de Lazarus (1971). Também passou pelo mesmo procedimento o artigo “Evolução do conceito de terapia comportamental” de Marzagão & Marzagão (1978). Os resultados produzidos em tais etapas

foram interpretados à luz das fontes orais de forma a inter cruzar os dados dos dois tipos de fontes. Por fim, a leitura conjugada das fontes primárias e secundárias foi articulada com a história da Psicologia no Brasil, à época.

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: CONFORMAÇÃO DA PSICOLOGIA CLÍNICA NOS EUA

Estudos sobre a história da Psicologia nos EUA mostram que as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por mudanças no cenário das teorias comportamentalistas e, particularmente, da Análise do Comportamento (Rutherford, 2003, 2009). Parte dessas mudanças se devia a uma “saída” da área de um cenário no qual preponderava a produção de pesquisas básicas em laboratório. Esta “saída” significou a ampliação dos interesses de pesquisa e, sobretudo, de aplicações analítico-comportamentais a contextos tipicamente humanos (ver Ayllon & Azrin, 1964; Baer, Wolf, & Risley, 1968; Ferster, 1967, Keller, 1968). Isso, inclusive, levou a constituição de um periódico específico interessado nas aplicações da Análise do Comportamento, o *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) em 1968 (Cruz, 2016). Esta ampliação de interesses esteve conectada a diferentes fatores, dentre eles, as controvérsias com os crescentes modelos cognitivistas e cognitivo-comportamentais (Leahey, 1992), bem como da profissionalização da Psicologia vinculada à Psicologia Clínica (Buchanan, 2003; Capshew, 1999).

Neste cenário, os comportamentalistas se lançaram nos mais diversos contextos aplicados (tradicionalmente instituições como prisões, hospícios e escolas), executando o que se convencionou chamar de técnicas de modificação do comportamento. Essas técnicas, porém, não estavam necessariamente ancoradas em premissas do Behaviorismo Radical ou da Análise do Comportamento. Um desses contextos aplicados em que se notava uma pluralidade de modelos comportamentalistas foi o da psicoterapia, constituindo o campo das terapias comportamentais. Nesta direção, diferentes foram suas definições, como, por exemplo, Wolpe (1969, p. 7) como “o uso de princípios experimentais de aprendizagem com o objetivo de alterar comportamentos não adaptativos.” Nessa mesma direção, Eysenck (1964, p. 1) define como “a tentativa de alterar, de forma benéfica, a emoção e comportamento humanos, de acordo com as leis da moderna teoria da aprendizagem.” Nas definições, nota-se que emergem elementos em comum (e.g., comportamento, aprendizagem, adaptação) os quais delimitam e definem aquilo que pode ser entendido como Terapia Comportamental.

Ser um terapeuta comportamental envolveria, nesse sentido, uma prática clínica voltada para o uso de princípios experimentais de aprendizagem e direcionada para a modificação de comportamentos com o intuito de adaptar o sujeito ao seu meio. Nesta seara, sob a rubrica Terapia Comportamental, observam-se o uso de princípios e técnicas mais conectadas com o Behaviorismo Radical de Skinner (e.g., análise funcional, modelação, reforçamento diferencial, etc.), como, por exemplo, em aplicações clínicas realizadas pelo psicólogo estadunidense Ferster (ver mais em Ferster, 1967, 1972; Ferster & Simons, 1966). Houve também elementos mais conectados com pressupostos fisiologicistas (e.g., medidas fisiológicas, *biofeedback*, etc.) e da Psiquiatria que, inclusive, se fortalecia com o advento dos psicofármacos (Ban, 2001). Neste segundo grupo encontram-se as aplicações clínicas realizadas por Wolpe e Lazarus (Marzagão & Marzagão, 1978; Rangé & Guilhardi, 1995). Esses dois autores, especificamente, são tomados como personagens importantes para as Terapias Comportamentais, uma vez que suas produções foram (e ainda são) amplamente utilizadas e discutidas por profissionais interessados em psicoterapia (O’Donahue et al., 2001).

Joseph Wolpe (1915–1997) foi um psiquiatra sul-africano em estreita relação com os EUA, por ter estudado no Center for Behavioral Sciences, na Stanford University. A partir de estudos experimentais realizados com gatos, Wolpe (1969) formulou a técnica da inibição recíproca, na qual se pareavam sistematicamente situações ansiolíticas com situações confortáveis ou prazerosas, de forma a inibir o aparecimento de crises ansiolíticas. Essa técnica serviu de base para o protocolo de dessensibilização sistemática, no qual se constrói junto ao paciente um gradiente de situações ansiolíticas para sua posterior exposição gradual, iniciando o processo pelas situações classificadas como mais leves. Wolpe (1969) observou que o esgotamento da exposição de cada etapa permitia o avanço para graus cada vez mais severos, até o ponto em que o paciente não relatasse mais nenhuma ansiedade em relação à situação.

Enquanto a produção de Wolpe esteve voltada para a criação e a aplicação de técnicas baseadas em evidências experimentais, Lazarus (1971) se preocupou com a formulação de um modelo de teoria que permitisse a atuação clínica. Também sul-africano, Arnold Allan Lazarus (1932–2013) foi psicólogo clínico e igualmente estudou na Stanford University, tendo ambos publicado, em 1966, o livro “Behavior Therapy Techniques”. Lazarus (1971) criou o que chamou de Terapia Multimodal, que prescinde que o sujeito possui modalidades de funcionamento (e.g., pensamento, sensação, cognição, etc.) sobre as quais a psicoterapia deveria atuar. Diversamente de Wolpe, o autor acreditava que a Terapia Comportamental, bem como seu conjunto de técnicas, era apenas um dos acessórios disponíveis dentro da psicoterapia e que outros artifícios poderiam ser utilizados, como um maior investimento na relação terapeuta-paciente e, até mesmo, o uso de medicamentos em conjunto com a psicoterapia.

CONTEXTO DE RECEPÇÃO DAS TERAPIAS COMPORTAMENTAIS NO BRASIL

As décadas de 1960 e 1970 marcam a história da Psicologia a partir de um conjunto de ocorrências, tais como (a) a regulamentação da formação e profissão de psicólogo por meio da Lei No. 4.119/62; (b) a criação do Sistema Conselhos – Conselho Federal e Conselhos Regionais de Psicologia, com a promulgação da Lei No. 5.766/71; (c) o estabelecimento do Código de Ética Profissional; (d) o aumento na quantidade de cursos de graduação e, como consequência, o crescimento do número de concluintes; (e) um crescimento do número de registros profissionais no referido Sistema; entre outros avanços (Pereira & Pereira Neto, 2003; Rosas, Rosas, & Xavier, 1988).

Concomitantemente, a sociedade passava por um acentuado conjunto de mudanças socioculturais. Uma parte delas, associada ao chamado milagre econômico, permitiu a ascensão da classe média urbana, com consequente abertura ao consumo e ao estabelecimento do ideário de que a mudança social ocorreria por méritos individuais (Coimbra, 1999; Mancebo, 1999). Assim, produziam-se práticas sociais que atribuíam ao sujeito a responsabilidade – e a culpabilidade – por suas fragilidades e dificuldades, em detrimento de aspectos socioculturais. Esse cenário foi condição para o fortalecimento de investimentos naquilo que ocorria na “interioridade” dos indivíduos e no uso de tais fenômenos para a explicação das fragilidades e dificuldades das pessoas (Russo, 2005). Dessa maneira, fortalecia-se a crença na importância do conhecimento de si e, *pari passu*, promovia-se a Psicologia Clínica como instrumento para tal autoconhecimento e mudança daquelas fragilidades. Dentre os campos de atuação possíveis desta Psicologia Clínica, conformava-se o setting da psicoterapia. Dessa maneira, com a articulação daquela crescente institucionalização da Psicologia e a produção de práti-

cas sociais de individualização, as décadas de 1960 e 1970 são consideradas um momento de psicologização da sociedade brasileira (Jacó-Vilela, 2012; Lisboa & Barbosa, 2009).

Brasileiros vinculados ao desenvolvimento da Terapia Comportamental, à época, também se interessaram em aplicações clínicas psicoterápicas em diversas localidades do país. Um primeiro indício desse interesse ocorre no Rio de Janeiro por intermédio do psiquiatra Geraldo da Costa Lanna e do psicólogo Octávio Soares Leite (Rangé & Guilhardi, 1995). Lanna teria tido contato, inicialmente, com a tradução de um artigo de Eysenck publicado no Boletim do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, posteriormente, com uma obra de Wolpe. A partir dessas leituras e do contato que teria tido com Octávio Soares Leite, Lana passou a utilizar a inibição recíproca em sua prática clínica. Essa influência, que aglutinou outros interessados como Miriam Valias de Oliveira Lima (ex-aluna de Wolpe) e Bernard Rangé (à época, estudante de graduação de Psicologia), passou a ser chamada em solo fluminense de condutoterapia. Em meados de 1966 esse grupo de interessados, já mais aglutinado, abriu uma clínica no intuito de executar esta prática terapêutica. Nesse sentido, Lanna narra a antecedência da prática clínica comportamental do Rio de Janeiro em relação a outras cidades do país:

Suponho que até 1966 não tinha existido no Brasil ninguém que tivesse feito terapia desse jeito. Não era do meu conhecimento. Acho que em São Paulo não havia ninguém, em Minas [Gerais] também não. Tenho a impressão de que todo mundo que começou aqui no Brasil começou depois de 1970, quando nós já tínhamos alguns anos de experiência. Acho que o núcleo inicial no estado de São Paulo foi em Campinas, com o Hélio [Guilhardi]. Só após isso se expandiu para a capital. Tenho a impressão de que São Paulo, em termos de clínica, e muito posterior a Campinas e muito mais, ao Bernard [Rangé], que em 1970 já trabalhava com isso. Se tiver 20 anos que em São Paulo se faz psicoterapia comportamental é muito. Campinas deve ter uns 25; e nós já estamos com trinta e poucos anos, levando a sério, formando alunos (Rangé & Guilhardi, 1995, p. 63).

Neste trecho, nota-se a eleição do protagonismo fluminense. Todavia, Lanna sinaliza que pessoas em outras localidades no Brasil também se envolviam com as terapias comportamentais. Nominalmente, ele cita Campinas e o nome de Hélio Guilhardi.

Em concordância com a fala de Lanna, há indícios de que houve, na década de 1970, uma acentuação dos interesses de brasileiros pelas terapias comportamentais. Em 1974, um grupo de interessados em psicoterapia comportamental, ligado à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRio), convidou Wolpe para vir ao Brasil ministrar algumas palestras (Rangé & Guilhardi, 1995). Wolpe aceitou o convite, tendo ministrado palestras e conhecido a clínica aberta pelo grupo anos mais cedo. Há indícios, inclusive, de sua vinda ao Brasil em 1975 (Associação de Modificação do Comportamento [AMC], 1975a), entretanto, não há informações se tais relatos dizem da mesma visita ou de eventos diferentes. De toda sorte, a sua visita ao Brasil está compreendida em intercâmbios realizados por brasileiros com norte-americanos vinculados a propostas comportamentalistas. Por exemplo, na cidade de Campinas em 1975 houve um curso sobre Modificação do Comportamento ofertado por Gary Martin (University of Manitoba, Canadá) e organizado por Hélio Guilhardi, Luiz Octávio Seixá de Queiroz, Ângela Pallotta, Maria Amália Andery e Adelaide Palma (Queiroz, Guilhardi, Martin, & Guedes 1976). Outros exemplos foram as visitas ao Brasil também em 1975

de Donald Baer—um dos precursores das propostas da Análise do Comportamento Aplicada (em inglês, Applied Behavior Analysis) — e C. B. Ferster (AMC, 1975b).

Em 1966, apesar da antecedência do Rio de Janeiro, reivindicada por Lanna, houve também a abertura da Clínica do Comportamento por Luiz Otávio Seixas de Queiroz em Campinas (Rangé & Guilhardi, 1995). Mais tarde, Queiroz iniciou a oferta de um estágio em Modificação do Comportamento pela Universidade Católica de Campinas, a partir do interesse dos alunos pela área (Leonardi, 2015; Rangé & Guilhardi, 1995). Em 1969, a pedido de alunos, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae (FFCL Sedes Sapientiae, São Paulo) Rachel Rodrigues Kerbauy, convidou Michael Mahoney para ministrar aulas e disponibilizar supervisão em Análise do Comportamento aplicada (Leonardi, 2015; Rangé & Guilhardi, 1995). Além disso, a FFCL Sedes Sapientiae passou a ofertar em 1975 um curso com duração de quatro semestres de formação em psicoterapia comportamental para médicos e psicólogos, cuja titulação seria de especialista (AMC, 1975c). Dessa forma, as pessoas envolvidas com as associações comportamentalistas brasileiras se articulavam para fazer circular não apenas as obras de tais autores, como as próprias pessoas para aprimorar sua formação e atuação.

Além de Rio de Janeiro e Campinas, há indícios da circulação de abordagens comportamentais, especialmente da Análise do Comportamento, em Belo Horizonte, por meio da UFMG. A primeira turma de graduação do curso de Psicologia da instituição formou-se em 1968 e, durante esse período, os alunos tiveram contato com uma apropriação local do livro “The Analysis of Behavior”, escrito por James Holland e B. F. Skinner (Souza Júnior, Miranda, & Cirino, 2018). Ao final de sua formação, alguns estudantes da primeira turma foram incorporados como professores do curso e, a partir disso, estabeleceram intercâmbios sistemáticos com analistas do comportamento de São Paulo (Cirino, Miranda, & Souza Júnior, 2012).

Aquele grupo de professores iniciou mudanças no ensino de Psicologia Experimental que, a partir de sua atuação, incorporava a visita de diferentes comportamentalistas a Belo Horizonte, tais como Carolina Bori, João Cláudio Todorov e Maria Amélia Matos (Jardim, 1998). Além disso, também possibilitou a conformação de um laboratório didático para o ensino de Análise do Comportamento e a circulação de obras comportamentalistas brasileiras e estrangeiras, tais como as de Albert Bandura, B. F. Skinner e Rachel Kerbauy. Dois membros desse grupo de professores se destacam nas lembranças de alguns ex-alunos, a saber: João Bosco Jardim e Lúcio Marzagão. De acordo com Eduardo Dias Gontijo (comunicação pessoal, 09 de junho, 2011), “esses dois eram simplesmente geniais assim, muito interessantes, muito inquietos. E eu acabei me debruçando, enfiando a cara para estudar Behaviorismo e nessa época que eu entrei pro laboratório de Psicologia ... Eu era um aluno muito estudioso ...” As lembranças de Gontijo sinalizam seu interesse pelo estudo sistemático daquilo que ele chama de behaviorismo. Seu estudo, acompanhado das atividades com seus professores, encaminhou-o a se engajar em atividades de laboratório e em iniciativas de pesquisa experimental.

Entretanto, gradativamente, o interesse de alunos e professores vinculados às abordagens comportamentalistas foi se distanciando do cenário da pesquisa experimental e se aproximando do campo psicoterápico. Nas lembranças de Gontijo (comunicação pessoal, 09 de junho, 2011): “Então eu comecei a ficar meio desmotivado com pesquisa básica e fui cada vez mais me interessando em clínica. Clínica behaviorista. Terapia comportamental”. Essa guinada a aplicações comportamentais clínicas e, particularmente, psicoterápicas aparece em outras fontes. Vale lembrar que em 1975 Baer e Ferster visitaram a UFMG ministrando simpósios e conferências. Em segundo lugar, professores da UFMG circulavam textos vincula-

dos a aplicações comportamentais no setting terapêutico. Em Carta Informativa Modificação Comportamento, de 1974, João Bosco Jardim sugeria a leitura de dois artigos de Ferster (1972, 1973), quais sejam “An experimental analysis of clinical phenomena” e “A functional analysis of depression”. Houve ainda a tradução do livro “Clinical Behavior Therapy”, publicada em 1975, cujo prefácio diz: “A publicação do livro **Terapia Comportamental na Clínica**, editado por Arnold Lazarus, na minha opinião representa um marco importante no desenvolvimento do campo ...” (Marzagão, 1975, p. 7, grifo no original). Por fim, Gontijo ainda acrescenta: “A Terapia comportamental se desenvolvia muito com base em Wolpe ...” (comunicação pessoal, 09 de junho, 2011). Nesse cenário, textos de variados autores precursores de aplicações clínicas comportamentais e, entre elas, de intervenções psicoterápicas, circulavam pelo grupo de analistas do comportamento da UFMG.

As fontes primárias pesquisadas sugerem que a circulação da Terapia Comportamental estava vinculada a um interesse geral em Psicologia Clínica e, especialmente, na prática psicoterápica. Gontijo (comunicação pessoal, 09 de junho, 2011) sinaliza que estudar Terapia Comportamental o levou a “a descobrir as diferentes correntes de pensamento psicoterápico”, cujo efeito foi “ver que esse mundo era um mundo fascinante, que era um mundo das teorias mais diversas possíveis. E isso me levou a ser estudante de psicoterapias, de diferentes correntes de pensamento psicoterápico”. Concomitantemente, Lúcio Marzagão e Rachel Kopit, que estiveram à frente da tradução da obra de Lazarus (1972) “Clinical Behavior Therapy” organizaram um periódico intitulado “Psicologia Clínica e Psicoterapia” que circulou por aproximadamente dois anos e meio (Kopit, comunicação pessoal, 17 de agosto, 2015). Seu objetivo era “publicar textos sobre psicologia clínica e psicoterapia, independentemente de orientações teóricas” (Gontijo, comunicação pessoal, 16 de agosto, 2015).

Em Belo Horizonte na revista “Psicologia Clínica e Psicoterapia” foi publicado em 1978, o artigo escrito por Lúcio Marzagão e Lúcia Marzagão: “Evolução do conceito de terapia comportamental”. O texto em questão aborda a amplitude da discussão do tema e debate a relação entre Behaviorismo e Terapia Comportamental, além de examinar a evolução do conceito deste último. Marzagão e Marzagão (1978) apresentaram uma revisão de diversas definições de Terapia Comportamental dadas por autores como Eysenck, Lazarus, Skinner e Wolpe. Tendo em vista que tais definições possuíam elementos semelhantes (e.g., comportamento, aprendizagem e adaptação) e, ao mesmo tempo plurais, os dois brasileiros pareciam compreender esse movimento em um sentido evolutivo, sendo seu último estágio representado por Lazarus. Os autores creditam o primeiro uso do termo a Lazarus (1958), apesar de frisarem o registro do mesmo em uma apostila de pouca circulação, de autoria de Lindsley, Solomon e Skinner em 1953. O tratamento dado a Lazarus, no exame da evolução do conceito, sugere pistas sobre o entendimento de sua obra. Nas palavras de Marzagão e Marzagão (1978, p. 38):

Neste artigo são discutidas as várias definições das duas últimas décadas da Terapia Comportamental. Na conclusão é apresentado o seu estágio atual, com algum destaque para a contribuição de Lazarus (1971) que propõe uma Psicoterapia Personalista, de amplo espectro ou, ainda, Terapia Multimodal.

Assim, apesar do artigo em questão apresentar diferentes propostas behavioristas e sua relação com a Terapia Comportamental, parecem assumir uma noção evolutiva em que “o estágio mais atual” seria representado por Lazarus.

Antes de seguir na interpretação que Marzagão e Marzagão (1978) fazem das propostas de Lazarus, vale lembrar que um deles, Lúcio Marzagão, foi responsável pela tradução do autor sul-africano no Brasil. Inclusive, o prefácio à edição brasileira sinaliza a concepção de que as propostas daquele autor eram “um marco importante no desenvolvimento do campo ...” (Marzagão, 1975, p. 7). No texto de 1978, os autores apresentaram o entendimento de que a obra de Lazarus lidaria com questões mais amplas além do comportamento. A amplitude aportada por Lazarus possuía duas justificativas:

a) a proposição de ecletismo técnico (Lazarus, 1967), que elimina as barreiras existentes quanto ao uso de procedimentos de outras abordagens ou enfoques psicoterapêuticos, desde que estes tenham se revelado empiricamente úteis e sejam comunicáveis à audiência científica b) a terapia comportamental deve ter sua atenção voltada para as várias dimensões do comportamento humano e não exclusivamente para sua manifestação comportamental. Desta forma, Lazarus amplia a perspectiva do psicólogo clínico ou psiquiatra, introduzindo como pontos de relevância clínica ... outros componentes da experiência psicológica que são além dos comportamentos, os sentimentos ou afetividade, as sensações, as fantasias, as cognições, a interação e as drogas. (Marzagão & Marzagão, 1978, p. 45)

Assim, para os autores brasileiros, a proposta de Terapia Comportamental desenvolvida por Lazarus colocava em foco (a) a necessidade do terapeuta se basear em dados empíricos para tomar decisões terapêuticas; e (b) diferentes modalidades de funcionamento da pessoa para além das “manifestações comportamentais” que parece remeter às respostas publicamente observáveis.

Para compreender esta forma de apropriação da Terapia Comportamental, torna-se imperativo observar a triangulação proposta por Marzagão e Marzagão (1978): Terapia Comportamental, ciência e behaviorismo. Sobre o primeiro, eles a definem como “intervenções clínicas aplicadas numa relação diádica terapeuta-cliente” (p.33) que ocorreriam a partir da aplicação “de alguns princípios obtidos através de pesquisas e estudos sistemáticos” (p.37). A ciência, por sua vez, se refere a um campo de conhecimento cujos problemas “se referem, principalmente, a generalização de princípios, construção de teorias e busca de leis” (p.37). Dessa forma, a Terapia Comportamental não seria ciência porque ela está interessada na “... pessoa do cliente, ou para a natureza pessoal do seu problema” (p.37) e não na generalização dos dados.

Parecia haver, nesse sentido, o entendimento de que há separação entre Terapia Comportamental e Ciência, sendo a primeira definida por uma prática clínica orientada por um corpo de práticas e diretrizes apoiadas no experimentalismo. Essa interpretação coaduna com as lembranças de Lanna quando reencontrou Wolpe, em meados da década de 1980, em um congresso em Paris. Na ocasião, referindo-se à sua vinda ao Brasil, em 1974, Wolpe teria perguntado a Lanna se os brasileiros continuavam acadêmicos ou se já haviam se tornado mais clínicos— “ciência deixa para o cientista, nós somos clínicos”, ele teria emendado (Rangé & Guillard, 1995, p.65).

Entretanto, além da diáde Terapia Comportamental e Ciência, havia o behaviorismo e sua articulação com os dois termos anteriores. Ele surgia como um campo multifacetado da Psicologia em que Marzagão e Marzagão (1978) mencionam a pluralidade de “tipos” de

behaviorismo, citando, por exemplo, Hull, Guthrie, Tolman, Skinner e Watson. Esta pluralidade levava o behaviorismo a uma “crise de identidade” (p.37) e, portanto, à afirmação de não haver “correspondência unívoca” (p.36) entre behaviorismo e Terapia Comportamental. Isso ocorreria porque a Terapia Comportamental violaria

alguns dos princípios propostos pelo Behaviorismo. Inicialmente, há a presença na Terapia Comportamental, da introspecção; o cliente revela através dela o conteúdo e a intensidade do seu estado emocional. Além disso, a Terapia Comportamental pressupõe a habilidade do cliente de pensar, raciocinar, lembrar, discriminar e imaginar (p.36).

Assim, novamente, parece que a leitura produzida por aqueles brasileiros é que os behaviorismos seriam modelos de Psicologia interessadas no comportamento. A explicação deste comportamento diferiria, mas levaria a deixar em segundo plano a consciência e os demais eventos privados. Tal assertiva em relação abre possibilidades de reflexão em torno dos interesses que circulavam para aqueles à frente da revista “Psicologia Clínica e Psicoterapia” e daqueles envolvidos com as abordagens comportamentais na UFMG. Uma delas seria refletir qual relação, ou interação, teriam os autores com a comunidade de analistas do comportamento de Belo Horizonte e/ou do Brasil. Isso nos auxiliaria a compreender com quais interesses epistemológicos os autores estariam comprometidos, se com a Análise do Comportamento e a clínica como uma de suas aplicações ou se com a Terapia Comportamental como um corpo de diretrizes para o atendimento clínico, independentemente do tipo de matriz psicológica.

As fontes sugerem que, para aqueles envolvidos com a recepção da Terapia Comportamental em Belo Horizonte, em nome da utilidade na prática clínica, haveria uma ausência de compromisso epistemológico com apenas uma escola psicológica, possibilitando o entendimento do comportamento por meio de diferentes vieses. Na análise daquelas pessoas só seria possível operar em um viés clínico caso se trabalhasse com as relações entre cognições e comportamento e isso, por sua vez implicaria, em se descompromissar com os pressupostos behavioristas (principalmente do radical). Nessa direção de análise, Gontijo diz (comunicação pessoal, 09 de junho, 2011) diz:

Eu fui me distanciando desse behaviorismo skinneriano, comportamento e condicionamento operante. E na clínica não se fazia muito, não tinha uma clínica, é, uma clínica de Terapia Comportamental baseada em condicionamento operante, modificação do comportamento. Isso era feito no trabalho com criança, né, em contexto de aprendizagem. Na clínica você tinha o que, você tinha fobias, você tinha ansiedade, você tinha, né. E se tratava disso com base em Terapia Comportamental com fundamentos no comportamento reflexo. E uma outra área começava a se [firmar] ... que era uma perspectiva sobre o que se chamava comportamento assertivo. Os terapeutas comportamentais começaram a desenvolver técnicas de comportamento assertivo, quer dizer, a ideia era ajudar o indivíduo a se afirmar, né. É... o tal do comportamento assertivo me pareceu uma camisa de força, entendeu? Era como uma panaceia, uma receita, sabe como, pronta ...

Dessa maneira, o compromisso com o behaviorismo (sobretudo o radical), na análise dessas pessoas, poderia levar “apenas [ao reforço do] vocabulário operante e [tenderia] a se circunscrever a situações potencialmente controláveis (escolas, enfermarias etc.), não tendo ressonância direta na sua prática clínica privada” (Marzagão & Marzagão 1978, p. 38). Nesta direção, as fontes textuais primárias e orais sugerem que aquelas pessoas poderiam estar sensíveis a aplicações clínicas comportamentalistas expansivas, que explorassem outras dimensões interpessoais além do comportamento publicamente observável. Assim, se o interesse geral de atores como Gontijo, Marzagão e Kopit era por aplicações psicoterápicas, uma acentuação “behaviorista” soaria como “camisa de força”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou descrever e analisar características da circulação e recepção de Terapias Comportamentais no Brasil entre 1960 e 1980. A análise de fontes primárias e secundárias sugere que tais terapias foram apropriadas em um cenário de preocupação com o exercício de práticas clínicas. De forma geral, com exceção aparente de Belo Horizonte, são citados como marcos importantes pelos personagens retomados a abertura de clínicas para o atendimento no molde comportamental e a abertura de estágios e cursos supervisionados para alunos na graduação. Não parece haver, no caso de Belo Horizonte, uma preocupação em se manter afiliado ao Behaviorismo Radical, apesar de haver influência desta escola na construção das práticas e técnicas utilizadas para o atendimento clínico.

Tais resultados sugerem indícios da coexistência de duas formas de apropriação das Terapias Comportamentais no Brasil: a) Uma, com pouca preocupação a se afiliar teoricamente a alguma escola psicológica, abraçando o ecletismo técnico em prol da eficiência na prática clínica e; b) outra, compromissada com o Behaviorismo Radical de Skinner e com a aplicabilidade de suas postulações na esfera clínica. Há de se ressaltar, também, a possibilidade de uma terceira via, a de que a apropriação da amplitude teórica, defendida por Lazarus em suas obras, guarde relação com o desenvolvimento da Terapia Cognitivo-Comportamental em solo brasileiro. Essa hipótese parte da similaridade entre o argumento de Lazarus sobre a necessidade de considerar fatores cognitivos para além de sua manifestação comportamental com o corpo teórico cognitivo-comportamental. Todavia, salientamos que a compreensão desses movimentos (e.g., Terapia Comportamental, Terapia Analítico-Comportamental e Terapia Cognitivo-Comportamental), requerem novas pesquisas historiográficas que levem em consideração tais hipóteses.

Esse fator coincide com os esforços da comunidade brasileira de analistas do comportamento, no estabelecimento do termo Terapia Analítico-Comportamental como forma de designar a prática clínica baseada nos pressupostos skinnerianos do Behaviorismo Radical. Esse esforço sustenta a necessidade da produção, em maior escala, de pesquisas históricas relacionadas ao tema, como forma de compreender as especificidades locais brasileiras. Por essa via, tornam-se mais claras as influências práticas, filosóficas e sociais de apropriação de certa maneira de compreensão da prática clínica.

Por fim, reconhecemos as limitações deste estudo, o qual se utilizou de fontes limitadas para a compreensão do movimento de circulação e recepção das Terapias Comportamentais no Brasil. Sugerimos novas pesquisas historiográficas com a utilização de fontes que possam analisar, por exemplo, a influência de autores como C.B. Ferster e H. J. Eysenck na orientação da prática clínica brasileira. Sugerimos, também, a busca e/ou produção de maiores fontes

relacionadas não somente as localidades aqui citadas, mas também a outras, ainda pouco ou nada sabemos a respeito.

REFERÊNCIAS

- Associação de Modificação do Comportamento. (1975a, maio). *AMC boletim informativo*, (Vol.1, No. 2). Arquivos do Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LeHac-PUC/SP).
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975b, jun-jul). *AMC boletim informativo* (Vol. 1, No. 3/4). Arquivos do Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LeHac-PUC/SP).
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975c). *AMC boletim informativo*. Arquivos do Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LeHac-PUC/SP).
- Ayllon, T. & Azrin, N. H. (1964). Reinforcement and instructions with mental patients. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 7(4), 327–331. doi: 10.1901/jeab.1964.7-327
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1(1), 91–97. doi: 10.1901/jaba.1968.1-91
- Bandura, A. (1961). Psychotherapy as a learning process. *Psychological Bulletin*, 58(2), 143–159. doi: 10.1037/h0040672
- Bellodi, A. C. (2011). *Terapia comportamental no Brasil: História de terapeutas*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Retirado de: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13053
- Buchanan, R. D. (2003). Legislative warriors: American psychiatrists, psychologists, and competing claims over psychotherapy in the 1950s. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 39(3), 225–249. doi: 10.1002/jhbs.10113
- Cândido, G. V. (2017). Introdução da Análise do Comportamento no Brasil: A cadeira de psicologia de Rio Claro (1962–1963). *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 8(1), 135–143. doi: 10.18761/pac.2016.027
- Capshew, J. H. (1999). *Psychologists on march: Science, practice, and professional identity in America, 1929–1969*. Cambridge: Cambridge University Press. doi: 10.1017/CBO9780511572944
- Cardoso, L. I, Souza, C. M. C., Varella, A. A. B., & Miranda, R. L. (2016). Notas sobre produções científicas analítico-comportamentais brasileiras na década de 1980. In A. A. B. Varella (Org.), *Diálogos em Análise do Comportamento* (pp. 55–70). Campo Grande: Editora UCDB.
- Cassas, F. A., & Luna, S. V. (2018). Aspectos históricos da terapia analítico-comportamental a partir da contribuição de Skinner e Ferster. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(4), 63–80. doi: 10.31505/rbtcc.v20i4.1129
- Cirino, S. D., Miranda, R. L., & Cruz, R. N. (2012). The beginnings of behavior analysis laboratories in Brazil: A pedagogical view. *History of Psychology*, 15(3), 263-272. doi: 10.1037/a0026306
- Cirino, S. D., Miranda, R. L., & Souza Júnior, E. J. (2012). The laboratory of experimental psychology: Establishing a psychological community at a Brazilian university. *Revista*

- Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 46(1), 609-616. Disponível em <https://journal.sipsych.org/index.php/IJP/article/view/188/pdf>
- Coimbra, C. M. B. (1999). Práticas “psi” no Brasil do “milagre”: Algumas produções. In A. M. Jacó-Vilela, F. Jabur, & H. B. C. Rodrigues (Orgs.), *Clio-Psyché: Histórias da Psicologia no Brasil* (pp. 75–91). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.
- Cruz, R. N. (2006). História e historiografia da ciência: Considerações para pesquisa histórica em Análise do Comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 161-178.
- Cruz, R. N. (2016). A fundação do JEAB e o isolamento histórico da Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-9. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e323215>
- Eysenck, H. J. (1964). *Experiments in behavior therapy: Reading in modern methods of treatment derived from learning theory*. New York, NY: Pergamon Press.
- Ferster, C. B. (1967). Perspectives in psychology: XXV Transition from animal laboratory to clinic. *The Psychological Record*, 17(2), 145–150. doi: 10.1007/BF03393698
- Ferster, C. B. (1972). An experimental analysis of clinical phenomena. *The Psychological Record*, 22(1), 1–16. doi: 10.1007/BF03394059
- Ferster, C. B. (1973). A functional analysis of depression. *The American Psychologist*, 28(10), 857–870. doi: 10.1037/h0035605
- Ferster, C. B., & Simons, J. (1966). Behavior therapy with children. *The Psychological Record*, 16(1), 65–71. doi: 10.1007/BF03393644
- Guedes, M. C., Candido, G., Beloto, A. C., Giolo, J., Vieira, M., Matheus, N., . . . Gurgel, T. V. (2008). A introdução da Análise do Comportamento no Brasil: vicissitudes. *Behaviors*, 12, 41–57.
- Guedes, M.C., Queiroz, A. B., Campos, A. C. H. F., Fonai, A. C. V., Silva, A. P. O., Sampaio, A. A. S., . . . Pinto, V. J. C. (2006). Institucionalização da análise do comportamento no Brasil: Uma perspectiva histórica. *Behaviors*, 10, 17–29.
- Hayes, S. C. (2004). Acceptance and commitment therapy, relational frame theory and third wave of behavioral and cognitive therapies. *Behavior Therapy*, 35(4), 639–665. doi: 10.1016/S0005-7894(04)80013-3
- Hübner, M. M. C., & Starling, R. (2019). La diseminación del análisis de la conducta en Brasil: Una breve historia y avances recientes. In C. Flores, & R. Mateos (Eds.), *Recuento histórico del análisis de la conducta* (pp. 121–140). Ciudad de México: Universidad de Guadalajara.
- Jacó-Vilela, A. M. (2012). História da Psicologia no Brasil: Uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(esp.), 28–43. doi: 10.1590/S1414-98932012000500004
- Jardim, J. B. (1998). Carolina em Belo Horizonte. *Psicologia USP*, 9(1), 117–120. doi: 10.1590/S0103-65641998000100019
- Kazdin, A. E. (1978). *History of Behavior Modification*. Baltimore: University Park Press.
- Keller, F. S. (1968). “Good-bye, teacher...”. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1, 79–89. doi: 10.1901/jaba.1968.1-79
- Laurenti, C. & Lopes, C. E. (2016). Metodologia de pesquisa conceitual em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes, & S. F. Araujo (Orgs.), *Pesquisa teórica em Psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41-69). São Paulo: Hogrefe CETEPP.

- Leahey, T. H. (1992). Three mythical revolutions of American psychology. *American Psychologist*, 47(2), 308-318. doi: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.2.308>
- Leonardi, J. L. (2015). O lugar da terapia analítico-comportamental no cenário internacional das terapias comportamentais: Um panorama histórico. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 6(2), 119-131. doi: 10.18761/pac.2015.027
- Lazarus, A. A. (1971). *Behavior therapy and beyond*. New York: Mc Graw Hill.
- Lazarus, A. A. (1972). *Clinical Behavior Therapy*. New York: Brunner Mazel.
- Lindsley, O. R., Solomon, H., & Skinner, B. F. (1953). *Studies in behavior therapy: Status report I*. Waltham, MA: Metropolitan State Hospital.
- Lisboa, F. S., & Barbosa, A. J. G. (2009). Formação em psicologia no Brasil: Um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 718-737. doi: 10.1590/S1414-98932009000400006
- Mancebo, D. (1999). Formação em psicologia: Gênese e primeiros desenvolvimentos. In A. M. Jacó-Vilela, F. Jabur, & H. B. C. Rodrigues (Orgs.), *Clio-Psyché: Histórias da psicologia no Brasil* (pp. 93-120). Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Marzagão, L. R. (1975). Prefácio à edição brasileira. In A. Lazarus, *Terapia comportamental na clínica* (pp. 7-11). Belo Horizonte, MG: Interlivros.
- Marzagão, L. R. & Marzagão, L. F. (1978). Evolução do conceito de terapia comportamental. *Psicologia Clínica e Psicoterapia*, 2(1), 33-50.
- Matos, M. A. (1998). Contingências para a Análise do Comportamento no Brasil. *Psicologia*, 9(1), 89-100. doi: 10.1590/S0103-65641998000100014
- Modificação de Comportamento. (1974, abril). *Carta Informativa* (No. 2). Arquivos do Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LeHac-PUC/SP).
- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., & Johnson, L. M. (1990). The history of behavior analysis: Some historiography and bibliography. *The Behavior Analysis*, 13(2), 131-158. doi: 10.1007/bf03392530
- O'Donahue, W. T., Henderson, D. A., Hayes, S. C., Fisher, J. E., & Hayes, L. J. (2001). A history of the behavioral therapies. In O'Donahue, W.T. et al. (Eds.), *A history of the behavioral therapies – Founder personal histories* (pp. 11-23). Reno: Context Press.
- Pereira, F. M., & Pereira Neto, A. (2003). O psicólogo no Brasil: Notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 19-27. doi: 10.1590/S1413-73722003000200003
- Queiroz, L. O., Guilhardi, H. J., Martin, G. L., & Guedes, M. C. (1976). A university program in Brazil to develop psychologists with specialization in behavior modification. *The Psychological Record*, 26, 181-188. Recuperado de <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03394376>
- Rangé, B., & Guilhardi, H. (1995). História da psicoterapia comportamental e cognitiva no Brasil. In B. Rangé (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva: Pesquisa, prática, aplicações e problemas* (pp. 55-69). Campinas, SP: Editorial Psy.
- Reisman, J. M. (1966). *A history of clinical psychology*. New York, NY: Halsted Press Division/John Wiley & Sons.
- Rosas, P., Rosas, A., & Xavier, I. B. (1988). Quantos e quem somos? In Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp. 32-48). São Paulo: EDICON. Recuperado de http://newpsi.bvpspsi.org.br/ebooks2010/en/Acervo_files/QuemPsicologoBrasilero.pdf

- Rutherford, A. (2003). Skinner boxes for psychotics: Operant conditioning at Metropolitan State Hospital. *The Behavior Analyst*, 26(2), 267-279. doi: 10.1007/bf03392081
- Rutherford, A. (2009). *Beyond the box: B. F. Skinner's technology of behavior from laboratory to life, 1950s-1970s*. Toronto: University of Toronto Press.
- Russo, J. A. (2005). O movimento psicanalítico brasileiro. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.), *História da Psicologia: Rumos e percursos* (pp. 413-424). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Souza Júnior, E. J., Miranda, R. L., & Cirino, S. D. (2018). A recepção da instrução programada como abordagem da análise do comportamento no Brasil nos anos 1960 e 1970. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 25(2), 449-467. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702018000200009>
- Todorov, J. C., & Hanna, E. S. (2010). Análise do Comportamento no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(esp.), 143-153. doi: 10.1590/S0102-37722010000500013
- Torres, J.A. (2018). *Por uma história institucional da Análise do Comportamento no Brasil: Estudos sociobibliométricos (1976-1986)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.
- Vandenbergh, L. (2011). Terceira onda e terapia analítico-comportamental: Um casamento acertado ou companheiros de cama estranhos? *Boletim Contexto ABPMC*, 34, 33-41. Retirado de: <http://abpme.org.br/arquivos/publicacoes/14053689957147e94e.pdf>
- Wolpe, J. (1958). *Psychotherapy by reciprocal inhibition*. Palo Alto: Stanford University Press.
- Wolpe, J. (1969). *The practice of behavior therapy*. New York: Pergamon Press.

(Received: October 21, 2019; Accepted: February 29, 2020)